

UMA PAIXÃO EVIDENTE PELA POLÍTICA

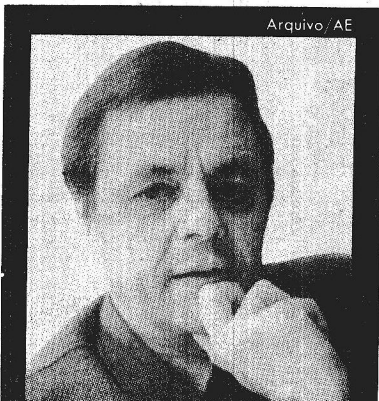
O historiador François Furet previu a eleição de FHC em 1984

25

Eu não lhe disse que ele ia ser presidente do Brasil? — com essa evocação, vívida e instantânea, da profética afirmação que havia feito ao repórter no final de uma entrevista, em outubro de 1984, o historiador François Furet, 69 anos, recebeu o *JT* em seu escritório na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, para falar de seu próximo encontro com o presidente FHC.

Com a memória e o semblante em forma, ele acabava de chegar (quinta-feira ao meio-dia) de Chicago, num vôo que durou quase 12 horas. Curioso em saber como andavam os preparativos para a visita de seu antigo colega na universidade francesa, Furet parecia naturalmente satisfeito com a confirmação de seu vaticínio sobre o futuro político de Fernando Henrique. “Mas não esqueça, sou historiador — e não adivinho, profeta, cartomante, nem mesmo chegado, por brincadeira, às especulações do horóscopo”, diz.

“Sem possuir dons particulares para as antecipações”, o mestre continua, “nunca tive dúvidas, no caso de Cardoso, de sua eleição para a Presidência da República desde quando ele ingressou na política.” Em que se baseava a previsão do autor do best seller *Le Passé d'une Illusion* (o melhor estudo europeu publicado até agora sobre o fracasso do comunismo no século 20)? “Ora, quando vi o brilhante intelectual, o homem de reflexão se engajar com aquela paixão na política, querendo assumir responsabilidades concretas, preocupado com a busca de resultados, fascinado pela ação, pelo ‘sentido de urgência’ próprio de um Brasil em construção, a idéia de que ele chegaria à Presidência não me saiu mais da cabeça. Aliás, creio que disse isso a ele próprio, em 81 ou 82, quando estive no Brasil pela segunda vez. Fernando Henrique era, então, senador. Dentro do avião, comuniquei-lhe a minha intuição durante uma visita ao Cebap, em São Paulo. Fernando Henrique, parece, deu de ombros, não me levou a sério... Pouco tempo depois, convidei-o para vir a Paris realizar uma conferência, basicamente para homens de negócio, na Fondation Saint Simon, que eu pre-



Arquivo / AE

“**Nunca tive dúvidas, no caso de Cardoso, de sua eleição para a presidência desde quando ele ingressou na política**”

sídia. Ele veio, falou e seduziu todo mundo. Fui confortado no meu ‘estalo’ sobre a Presidência.”

Perguntado sobre o que nos ensinava a história a propósito da conjugação do poder político com o poder intelectual, François Furet retruca: “Os resultados dessa aliança nem sempre foram bem-sucedidos, por causa da dicotomia essencial existente entre o exercício e os objetivos das duas funções. Enquanto o intelectual se consagra à reflexão e à busca da verdade, o político se dedica à ação. É por isso que os intelectuais de modo geral nunca fazem política militante.”

Sobre a dificuldade dos intelectuais em lidar com realidades palpáveis, François Furet lembra a experiência brasileira que viveu, nesse sentido, no início dos anos 70 em São Paulo: “Fui ensinar durante seis semanas lá, a ditadura militar apertava de todos os lados, e o pessoal na USP só pensava em Althusser e na guerrilha...”

Quanto às possibilidades de sucesso do presidente do Brasil, o historiador observa que, “Fernando Henrique é muito mais homem político do que intelectual”. “Quando voltei a encontrá-lo em Brasília, em 87, ele, reeleito senador, me pareceu definiti-

vamente reciclado na arte da política. De fato, entre outras provas disso, mencionaria o talento que ele desenvolveu para as soluções de compromisso, para a conciliação. Ele foi eleito por uma composição de sociais-democratas, setores da esquerda moderada e conservadores — e está governando com sucesso como evidencia sua popularidade. Não é fácil conseguir um tal equilíbrio entre forças políticas tão diversas num país tão cheio de problemas.”

O historiador francês acha que, se dispuser do apoio necessário da sociedade e da classe política brasileiras, o presidente Fernando Henrique executará as reformas indispensáveis para que o País enfrente, sem grandes riscos, os desafios da globalização. “Acredito no propósito reformador de Fernando Henrique. Seria bom que as forças mais conservadoras do Brasil aceitassem certos sacrifícios em seus privilégios, para que a nação ganhasse em seu todo”, diz.

Sobre os temas que gostaria de abordar com FHC, Furet ainda não se fixou numa pauta. Em todo caso, entre suas curiosidades, destacam-se: qual a percepção que se tem, hoje, do marxismo no Brasil e na América Latina; para onde vai Cuba e o que ela ainda representa no imaginário latino-americano; que tipo de filosofia democrática se poderia formular para servir de cimento às esperanças e expectativas suscitadas pela era pós-comunista; como andam as relações do Brasil com os Estados Unidos; como irão evoluir as relações do Brasil com a França e Europa no quadro da globalização; em que medida se poderia imaginar a intensificação do intercâmbio cultural franco-brasileiro e a execução de projetos idênticos ao da fundação da USP, que teve participação da França.

François Furet conclui a entrevista revelando o tema de sua próxima obra. Trata-se de um estudo sobre o período final da Revolução Francesa (sua grande especialidade), período que, apesar das confusões e desordens, propiciou a criação do Estado napoleônico, um Estado por excelência organizador.